

Romance do homem da boca fechada

- Quem é esse homem sombrio
Duro rosto, claro olhar,
Que cerra os dentes e a boca
Como quem não quer falar?
– Esse é o Jaime Rebelo,
Pescador, homem do mar,
Se quisesse abrir a boca,
Tinha muito que contar.

Ora ouvireis, camaradas,
Uma história de pasmar.

Passava já de ano e dia
E outro vinha de passar,
E o Rebelo não cansava
De dar guerra ao Salazar.
De dia tinha o mar alto,
De noite, luta bravia,
Pois só ama a Liberdade,
Quem dá guerra à tirania.
Passava já de ano e dia...
Mas um dia, por traição,
Caiu nas mãos dos esbirros
E foi levado à prisão.

Algemas de aço nos pulsos,
Vá de insultos ao entrar,
Palavra puxa palavra,
Começaram de falar
- Quanto sabes, seja a bem,
Seja a mal, hás de contá-lo,
- Não sou traidor, nem perjuro;
Sou homem de fé: não falo!
- Fala: ou terás o degredo,
Ou morte a fio de espada.
- Mais vale morrer com honra,
Do que vida deshonrada!

- A ver se falas ou não,
Quando posto na tortura.
- Que importam duros tormentos,
Quando a vontade é mais dura?!

Geme o peso atado ao potro
Já tinha o corpo a sangrar,
Já tinha os membros torcidos
E os tormentos a apertar,
Então o Jaime Rebelo,

Louco de dor, a arquejar,
Juntou as últimas forças
Para não ter que falar.
- Antes que fale emudeça! -
Pôs-se a gritar com voz rouca,
E, cerce, duma dentada,
Cortou a língua na boca.

A turba vil dos esbirros
Ficou na frente, assombrada,
Já da boca não saía
Mais que espuma ensanguentada!

Salazar, cuidas que o Povo
Te suporta, quando cala?
Ninguém te condena mais
Que aquela boca sem fala!

Fantasma da sua dor,
Ainda hoje custa a vê-lo;
A angústia daquelas horas
Não deixa o Jaime Rebelo.
Pescador que se fez homem
Ao vento livre do Mar,
Traz sempre aquela visão
Na sombra dura do olhar,
Sempre de boca apertada,
Como quem não quer falar.

Elogio às lágrimas

I
Lágrima é Alma que aflora
E à beira do Céu medita,
Mas que em breve se evapora
Para ser Vida infinita!

II
Quanto uma lágrima exprime
– Encanto, Dor, Alegria –
É o acordar do sublime,
Que dentro d'Alma dormia.

III
Os olhos são lábios d'Alma,
Dor é sede que devora,
Sede de água a água acalma;
E por isso a gente chora.

Fonte de pranto desfeito
– Água divina a correr –
Vem das entranhas do peito
À flor dos olhos nascer.

Rega a face, corre em fio,
E o seio d'Alma, nascente,
É, depois do ardor do Estio,
Primavera novamente.

IV

Quanto mais Amor me abraças,
Mais a Alma vai subindo,
Chega aos olhos, solta as asas...:
São as lágrimas caindo.

V

Quando em meus braços te escondes
E perguntas se te adoro,
Calo-me. – Então não respondes...? –
E eu olho p'ra ti e... choro.

VI

Almas – raízes sepultas...
Lágrimas – flores despontando...;
Quantas belezas ocultas
Só se conhecem chorando.

VII

Olhos que choram de mágoa,
Olham a Deus bem de fito:
Numa simples gota d'água
Vem reflectir-se o Infinito.

VIII

Chorar é partir, de mágoa,
O coração aos pedaços,
Transformá-lo em beijos d'água
E a névoa d'água em abraços.

IX

«Já que a Sorte nos aparta
Venho dar-te o coração...»
Chorando inundei a carta...
Vê se era verdade, ou não...

X

São as lágrimas salgadas...
Pudera que assim não fosse:
Não que depois de choradas
Sente-se a Vida mais doce.

XI

Quando choro o choro rola
Dos meus olhos baga a baga,
Porque é que alguém me consola,
De quem a mão que me afaga...?!

XII

Chorar por mágoas d'Amor
É a divina surpresa
De ter esquecido a Dor,
A admirar-lhe a grandeza.

XIII

Oh! Alma, oceano profundo,
Cheio de tantos escolhos,
Mas desce-te a Dor ao fundo,
Traz as pérolas aos olhos.

XIV

Chorar é rezar aos céus,
Fazer acto de Humildade:
Quem chora acredita em Deus,
Confessa Amor e Bondade!

Ode à Liberdade

Quero-te, como quero ao ar e à luz
Porque não sou a ovelha do rebanho,
Nem vendi ao pastor a alma e a grei;
E onde não haja mais do que o redil,
És tua a minha pátria e a minha Lei.

Leva-me onde as estradas me pertençam.
Porque as vozes viris que me conduzem
Ninguém, melhor do que eu, sabe dizê-las;
Porque eu não temo as livres solidões,
Onde habitam os ventos e as estrelas.

Leva-me ao teu sopro, éter divino,
Porque me queima a sede das alturas
E o meu amor se oferece sem limite;
E és tu que abres as asas aos condores,
É tu que ergues os astros ao zénite.

Toma-se nas tuas mãos de Sagitário,
Faze de mim o arco retesado
Pelo teu braço e a tua força inquieta,
Pois, quando o meu desejo atinge o alvo,
És tu o impulso que dispara a seta.

É lá, sempre mais longe, além do Outono,
Nos limites do mundo conhecido,
Em plena selva e onde há que abrir a senda,
Que eu quero devorar os frutos novos
E erguer à beira de água a minha tenda

Torna-me ágil e ardente, alma do Fogo,
Porque tu és a inspiradora inquieta
Dos bailados da morte e da alegria;
E eu prefiro ao aprisco a vida heróica,
A que devora o ser, mas alumia.

Queima-me, embora custes, quando negas,
Quer o ódio fanático dos bonzos,
Quer o ciúme vil dos fariseus.
Sou dos que amam demais a Divindade
Para poder acreditar num deus

Não és a flor da beira do caminho.
Bem sei que é preciso conquistar-te
A cada novo dia e duro preço.
Por ti tenho sofrido quantos os homens
Podem sofrer. Por isso te mereço.

Por ti sofri os transe da agonia,
Desde a fome da alma no deserto
Ao pão que, por amargo, se recusa.
E, naufrago da grande tempestade,
Cá vou sobre a Jangada da Medusa!

Gerou-te, lentamente, com revolta
E dor, a consciência dos escravos;
Renasces mais perfeita a cada idade;
E, sempre, com as dores cruéis do parto,
Dá-te de novo à luz a Humanidade.

Querem mãos assassinas sufocar-te
Nas entranhas maternas. Mas em vão.
Virás como a torrente desprendida,
Porque és o sopro e a lei da Criação
E não há força que detenha a Vida.

O casamento da franga

Diz o Galo
Para a Galinha:
- Quando casaremos
A nossa filhinha?
Casaremos
Ou não casaremos:
Agora o noivo
D'onde o arranjaremos?

Salta o Gato
Do seu modo mural:
«Eu estou pronto
Para me ir casar.»
- Agora o noivo
Já nós cá temos;
Agora a madrinha
D'onde a arranjaremos?

Salta a Cabra
Da sua casinha:
«Eu estou pronta
P´ra ser madrinha.»
- Agora a madrinha
Já nós cá temos;
Agora o padrinho
D´onde o arranjaremos?

Salta o Rato
Do seu buraquinho:
«Eu estou pronto
P´ra ser padrinho.»
- Agora padrinho
Já nós cá temos;
Agora o padre
D´onde o arranjaremos?
Salta o Escaravelho
Do seu escaravelhar:
«Eu estou pronto
Para os ir casar.»
- Agora o padre
Já nós cá temos:
Agora o chibo
D´onde o arranjaremos?

Salta o Lobo
Do seu loba:
«Eu estou pronto
P´rò chibo dar.»
Chibo já nós cá temos;
Agora o vinho
D´onde o arranjaremos?

Salta o Mosquito
Do seu mosquital:
«Eu estou pronto
P´rò vinho dar.»
- Agora o vinho
Já nós cá temos;
Agora o trigo
D´onde o arranjaremos?

Salta o Pardal,
Do seu ninho estar:
«Eu estou pronto
P´ra o trigo dar.»

Acabou-se a boda
Com tal desatino;
Veio o noivo
Engoliu o padrinho.

Indivíduo e Colectividade

Uma antiquada concepção, cuja carreira não terminou de todo em Portugal, faz constituir a história na evocação dos homens e dos eventos singulares, faustosa galeria de retratos e painéis de batalhas, a que se acrescenta quando muito o quadro das instituições. Dir-se-ia desta sorte que os factos de ocupação do solo e agrupamento da população, as variações do regime económico, a elaboração de um espírito colectivo, os movimentos e transformações da massa, isto é, os factos propriamente sociais não têm importância na vida da sociedade. Longe de nós negar a parte da criação individual na história. Mas todas as nações, antes de atingirem a sua definição política suprema, atravessam um demorado período de formação, onde ocultam quase exclusivamente esses factos gerais.

A consciência de uma solidariedade e de um ideal colectivo, o sentimento e a ideia de uma pátria elaboram-se lentamente através desses movimentos de grupos e das lutas entre eles suscitadas. E por via de regra os grandes homens são tanto mais representativos quanto melhor encarnam e orientam as aspirações colectivas.

in "História do Regime Republicano em Portugal"

Fernando Pessoa

[Carta a Jaime Cortesão - 22 Jan. 1913]

Lisboa, 22 de Janeiro de 1913.

Meu prezado Camarada:

Uma constitucional perturbação da vontade e uma ânsia, paralelamente paralisante, de sobre tudo dizer tudo, sem falha, falta ou fraqueza, fazem com que eu ponha em tudo que faço uma demora que acaba por me apavorar até à acção, e que comece essa acção por um pedido de desculpa de tanto ter demorado. No caso presente o que eu tencionava fazer era um ligeiro, epistolar estudo sobre a sua individualidade, agradecimento de raciocinador pela oferta, que amavelmente me fez, das suas duas plaquettes, dedicação de psicólogo ao interesse que o seu espírito me desperta e,

desde que primeiro o li, me despertou, e fraco retribuir, crítico e frio, da alta e lusitana emoção que os seus versos me têm dado.

Mas, no momento actual, inteiramente trágico, da minha vida, em que sou o Atlas involuntário de um mundo de tédio, que quase fisicamente e localmente me pesa sobre os ombros, as minhas faculdades de análise tornaram-se-me uma coisa que eu sei que tenho mas que não sei onde está.

Vêm estas considerações egotistas para explicar que roce, talvez, tão flagrantemente pelo banal e pelo pouco a apreciação que segue, das suas duas poesias. Num ou noutro ponto dessa apreciação cairei — dada a impossibilidade que há em mim de querer não analisar — no impulso de esmiuçar e destecer, mas, não podendo, pelas razões já ditas, aplicar-me a esse trabalho completamente, esquivar-me-ei a ir até onde era de meu desejo ser levado.

A meu ver é o meu querido amigo (permita-me que assim o trate) o primeiro dos poetas da novíssima geração. Eu chamo, é claro, novíssima geração àquela que apareceu posteriormente à de Pascoaes, Correia d'Oliveira e Lopes-Vieira, à que é propriamente já e apenas do século vinte. Entre os poetas dessa geração creio que o meu amigo é princeps. Ao especial sentimento da Natureza que a todos é peculiar, e em que tomaram (sem o saber, é claro) o facho das mãos de Tennyson, mais alumiando-o, até a chama ser outra, de maior, na alma altíssima da nossa Raça, fazendo escuro o brilho dos ingleses europeicamente antecessores; à subtilidade de subjectividade que quase todos têm, e que é o simbolismo traduzido portuguesmente para divino; — a estes dois elementos junta o meu amigo o elemento heróico que os ergue e levanta. Não quero com isto dizer que entre os outros poetas da actual corrente este elemento heróico não exista. O que digo é que em si esse elemento está em pleno equilíbrio com os outros, o que torna o seu voo lírico mais alto, mais límpido, e mais aguentadamente largo. O que com este último adjectivo adverbado descrevo é que é, para mim, mais importante e de interesse na sua obra. A poesia só de Natureza, por alta que seja, tira o indivíduo demasiadamente de si para o deixar saber construir uma poesia um pouco extensa conexamente: o caso de Wordsworth, que criou a poesia da Natureza, e, com duas excepções, falhou toda a poesia mais do que pequena, é típico. A poesia apenas subjectiva faz com que o indivíduo se extravie de si dentro de si próprio: é, ainda mais que a da Natureza, encurtadora do fôlego espiritual. Escuso de lhe apontar o caso representativo dos simbolistas, os mais puros-subjectivos que a poesia tem tido. — Ora, consoante eu apontei num dos meus artigos n'A Águia, o que dá o especial valor à nossa poesia novíssima é que equilibra a poesia da Natureza, em alto grau inspirada, com a poesia da Alma, em grau tão alto sentida. Mas houve uma coisa que ali não disse, não de propósito, mas porque me escapou naquela primeira análise do assunto. E que há um terceiro elemento, e nesse ainda a nossa nova poesia é pecadora: é a construção, aquilo a que se pode chamar a organicidade de um poema, aquilo que nos dá, ao lê-lo, a impressão que ele é um todo vivo, um todo composto de partes, e não

simplesmente partes compondo um todo. — Ora de onde vem a construção? — isto é, de que qualidades nasce?

Eu mostrei que quer a poesia subjectiva, quer a poesia objectiva dá, sendo só ou subjectiva ou objectiva, uma falta, muitas vezes de equilíbrio, e sempre de fôlego. Possuídas em grau igual estas duas formas ideativas, resulta equilíbrio com certeza, mas fôlego não resulta. É que, quer o sentimento do Exterior, por intenso e complexo que seja (e quanto mais intenso ou mais complexo pior) como o sentimento do espírito, por subtil que seja (e tanto mais quanto mais subtil), são, quanto no caso é possível, de sua natureza estáticos; e da sua combinação, como é de ver, nada resulta que não estático. — Ora construir implica esforço, quer este esforço seja consciente ou inconsciente, rápido ou demorado. À base da construção, poética ou outra, sendo pois de sua natureza um dinamismo, logo se compreende como os sentimentos estáticos que são o da Natureza (que é apenas um complexo contemplar) e o do Espírito (que é somente um subtil contemplar-se) conduzam à falência construtiva. (É de notar, naturalmente, que o carácter estático do sentimento da Natureza do da Alma é relativo; puramente estático, quedava-se sem gestos de expressão dentro de si próprio, e nunca dali resultaria arte).

Posto isto, que a construtividade poética parte de uma faculdade qualquer, dinâmica de essência, com só mais um passo atingiremos a compreensão de quais são essas faculdades. O dinamismo pode ser de três espécies, evidentemente. Ou é dinamismo do Espírito para o Mundo Externo, ou do Mundo Externo para o Espírito, ou uma síntese destes dois dinamismos especiais. Temos pois que os poetas capazes de construir têm uma de três faculdades. Ou têm aquilo a que chamarei o impulso heróico, que é o dinamismo de dentro para fora, a ânsia de dominar as coisas, de sobrepor à Natureza a individualidade própria. — Ou tem aquilo a que chamarei o impulso religioso, que é o dinamismo de fora para dentro (e que é bom não confundir com o outro sentimento religioso, que é a mais alta manifestação do sentimento da Natureza, mas a que falta o impulso, por ser de mais subjectivo, meditativo apenas), e que vem a ser ânsia, contrária à outra, de se submeter, sem se abandonar (como o místico) a um Deus — impulso de outro modo heróico também, porque essa submissão traz consigo o sentimento contrário ante a Natureza e os homens. — Ou, finalmente, têm o impulso construtivo puro, que, sempre com certo grau de consciência, ainda que inspiradamente, ajusta o interior ao exterior, o detalhe ao todo. Este, que é realmente sintético dos outros, é de espécie e origem diversa.

Os homens da Renascença — que foram, na época moderna, os grandes construtivos, tao superiores nisto aos Românticos, por maiores que fossem estes em sentir a Natureza e o Espírito — tinham um ou outro daqueles dinamismos. Os épicos de género guerreiro tinham o primeiro: é mesmo a intensidade do «dinamismo heróico» que aguenta e vivifica Os Lusíadas, e os salva de serem vítimas das pequenas faculdades puramente-críticas de Camões. Milton tem o segundo género de dinamismo. O terceiro parece-me que o encontro em Shakespeare, onde, por exemplo

no caso das várias edições do Hamlet, nas constantes alterações, claramente estudadas e cautas, que, ao mesmo tempo que mais e mais deteatrizam (sic) a obra, mais a tornam ligada, e una.

Ora, para entrarmos enfim em casa, o que com grande alegria noto no meu amigo como destacando-o entre os novos poetas é a sua capacidade construtiva. O género dessa capacidade é o «dinamismo heróico». Como adiante direi, este dinamismo não está ainda em si plenamente desenvolvido.

Fica, pois, feita a descrição do que me parece ser o seu valor como poeta. Ao alto e religioso sentimento da Natureza e ao subtil sentimento do espírito que caracteriza os novos poetas, junta o meu amigo um sentimento heróico que o ergue acima deles, ainda que haja entre eles quem tenha com mais misticidade o sentimento da Natureza e (outros) com mais subtileza o sentimento do Espírito.

Passemos aos seus defeitos. Resultam da descrição feita das suas qualidades. São três. O primeiro nasce da própria natureza do dinamismo heróico. O segundo nasce da posse não plena desse dinamismo. O terceiro nasce de aplicações falsas que de vez em quando faz do seu género de dinamismo.

Vamos ao primeiro. Por vezes, o meu amigo tem tendência a embriagar-se de heroísmo: resulta daí que, de vez em quando, a sua voz é demasiado alta para o assunto ou para o trecho, as imagens demasiado heróicas para a ocasião. Nas intercalações que faz na Sinfonia da Tarde há disto. Não é defeito muito importante, e é daqueles a que se costuma chamar «defeitos das qualidades».

O segundo defeito pode-lhe fazer mal num poema longo. Na Sinfonia da Tarde há, naquelas mesmas intercalações que já citei — no facto de as ter feito, com prejuízo da curva perfeita da poesia — uma prova desta posse incompleta da sua qualidade principal. Contra este travers é preciso mais cuidado Creio que crescerá para fora dele. É da juventude do seu impulso heróico, parece-me, e não de falha constitucional nele.

Contra o terceiro defeito é que eu mais o quereria aconselhar, com toda a franqueza e lealdade crítica que nestas linhas estou pondo. Mas a poesia recente onde o podia ter mostrado — a Esta História... — está perfeitamente livre dele, está singularmente ligada, conexas, una. É uma das poesias de amor mais perfeitas que há na língua portuguesa. — Onde este seu defeito estava patente era naqueles seus sonetos em tom de ternura que publicou n'A Águia antiga e na actual. Esses — permita-me que lhe diga — são falências absolutas. Essencialmente heróico, o seu espírito só maneja bem o sentimento amoroso quando, como na História, o pode heroicizar. O amor-ternura n'est pas votre fait. É isto que eu chamo a «aplicação falsa» do seu dinamismo. Noto-lhe tudo isto por lealdade. Mas não quero que julgue que este defeito lhe diminui o valor do seu género. A espécie de sentimento amoroso que há na História é, mesmo superior a quanto

amor-ternura se imagina. Não compreendo muito bem, portanto, como desceu da altura da sua inspiração para aí fazer figura num nível que é inferior ao seu.

Tenho a mão cansada e o espírito desconexo. Esta carta é sincera, mas tem um ponto ridículo. É que tendo-lhe eu dito lamentosamente que não analisava, fui analisando e analisando. E que confusamente e tortamente analisei! A minha crítica ao seu espírito de poeta, por sincera que seja, nem é digna da sua individualidade, nem mesmo das horas normais do meu raciocínio.

Desculpe-me tudo isto — desde a desconexão à caligrafia — e creia que ninguém mais do que eu admira a sua Alma de poeta e de português, ou mais deseja que ela suba sempre, para uma arte cada vez mais lusitana e perfeita.

Disponha sempre do seu

Camarada dedicado e comovido admirador

Fernando Pessoa